

Sinhásinha

Tenho em minhas mãos a téia
Que me offereceu: que linda!
Passo os dias diante della,
E não me fartei ainda.

A contemplar-a me deixo,
Nem sequer os olhos piŕco:
Como está bem esse trecho
Da rua de S. Francisco!

Pela illusão me levando,
Graças á pericia sua,
As vezes fico esperando
Que passe o bonde na rua.

Do quadro nada se perde
Tudo deleita e seduz:
--Ah! como vibra esse verde
Sob a caricia da luz!

E tão perfeita é aquella
Casa que se vê em frente,
Que eu estranho não ver gente
De quando em quando á janella

Quanto áo céo, é de illudir,
Tal a sua perfeição:
--Eu o consulto ao sehir
Para ver se chove ou não.

Folhas não podem pintar-se

Com melhor acabamentoo:

--Até chegam a agitar-se

Quando vem um pé de vento!

Mas, brincadeira de parte

O seu pincel, Sinhásinha,

Cada vez mais se avisinha

Dos puros modelos da Arte.

O traço, a luz, as nuanças,

As sombras, as perspectivas

Dão formosas esperanças

De victorias decisivas.

Só falta nesta pintura,

Para que fique mais bella,

A esbelta e airosa figura

De quem assignou a tela.

Dando vida a essa paizagem,

Como seria gentil,

Estampado na folhagem,

Seu elegante perfil!

De branco, como costuma,

Sobre a relva, ao pé da estrada,

Teria a apparencia de uma

Peusa em marmore talhada.

Para que por exigente,

Porem, você não me tome,

Forçoso é que me contente

De ver na tela o seu nome.

Vendo-lhe o nome, eu, que primo
Por humilde, e com razão
Me orgulharei desse mimo
Pintado por sua mão.

Parece que sua ausencia,
É certa e proxima, e assim,
Que amavel remeniscencia
Elle será para mim!

E através desses escolhos
Da vida, agitada ou calma,
Da tela não tiro os olhos
Nem sua lembrança d'alma.